

# **TEILHAR DE CHARDIN: A MISSA SOBRE O MUNDO**

**ADRIANO MOREIRA**<sup>1</sup>

Presidente do Instituto de Altos Estudos  
da Academia das Ciências de Lisboa  
Professor Emérito  
da Universidade Técnica de Lisboa

A guerra de 1939-1945, na qual o homem conseguiu obter o poder de destruir a terra, casa comum do género humano, pelo fogo da energia atómica, foi a maior das catástrofes que marcam as diferenças de interesses culturais, étnicos, e crenças das espécies em que se dividem o género humano, segundo um processo que a inigualável longa investigação e meditação de Francis Fukuyama, seguiu esta ordem política, desde os tempos pré-históricos à Revolução francesa: “estado de natureza, sociedades tribais, o Estado” (chegada do Leviatã), isto é, finalmente o Estado.

As diferenças, progressivamente inventadas para conduzir a vida dos povos, exigiram várias teorias que levaram muitos, entre os quais se distinguem Hobbes, Locke e Rousseau, a procurar, não tanto as formas desse Leviatã, mas a legitimação dessa forma de submeter os homens à situação de servidores e protegidos de poderes imperativos, que formulam e impõem a obediência e regras de conduta.

Entre as várias fontes da formulada legitimidade, que organiza uma cadeia de subordinados que asseguram o poder sobre um território, a obediência dos habitantes, tudo exigindo um soberano: por isso o poder tem o monopólio das forças armadas que obedecem, não necessariamente por razões de consanguinidade, mas pelo que em cada caso é sempre chamado legitimidade, por vezes transformada em hereditária. Finalmente, o que aconteceu no Ocidente moldado pelo cristianismo, foi na transcendência, antes nem sempre religiosa, que a legitimidade encontrou a sua premissa.

Na conclusão de Fukuyama, “por formas muito mais elaboradas da crença religiosa, com uma crença religiosa a servir como guardião”.<sup>2</sup> O seu primeiro período de exame termina na Revolução Francesa (1789) porque é esta que marca o início da transferência da legitimidade para a vontade popular, com a sociedade civil encontrando a sua norma de vida habitual no Código Civil napoleónico imposto em vários Estados, incluindo a versão portuguesa do famoso Código Civil Português, e no modelo democrático, cujas raízes foram regadas pelo sangue derramado desde a execução de Luís XVI até à derrota de Napoleão. O que não impediu que, de tempos a tempos, os povos padecessem do difícil acomodamento entre Reis, Impérios, e cidadãos, e sobretudo que, até ao século que vivemos, pela chamada Europa em Sangue, fosse separada a Igreja Católica do Estado, até que se tornou dominante a tese de Renan, segundo a qual, no seu *L’Avenir de la Science* (1848) assumiu que era necessária a

---

<sup>1</sup> Conferência de abertura do Curso Teilhard de Chardin, a 6 de fevereiro de 2017, Instituto Adriano Moreira

<sup>2</sup> Francis Fukuyama, *As origens da Ordem Política, Dos Tempos Pré-Humanos até à Revolução Francesa*, D. Quixote, Lisboa, 2017, pg. 139 e sgts.

organização científica da Humanidade, com esta sentença que se tornou famosa: “é sobretudo sob a forma religiosa que o Estado velou pelos interesses suprassensíveis da Humanidade.

Mas a partir do momento em que a religiosidade do homem tomará a forma científica e racional, tudo o que o Estado despendia antes no exercício religioso pertencerá de direito à ciência, única religião definitiva. Não haverá mais orçamento dos cultos, haverá orçamento da ciência, orçamento das artes”. Uma prevista e praticada evolução que levou Pio IX a publicar a *Syllabus* (1869) sobre “os erros do mundo moderno”, que enumerou num catálogo anexo à Santa Cura. Um desses erros conduziu à guerra de 1939-1945, uma das mais sangrentas e brutais que até hoje marcaram o caminho para o globalismo em que nos encontramos, com conhecimento dos efeitos e pouco conhecimento da estrutura.

Foi nesse período que Chardin se encontrou na China, ocupado com a sua curiosidade científica de antropólogo ilustre, mas sempre fiel à condição de sacerdote cristão para quem a referência, como hoje diz o Cardeal africano Robert Sarah – É Deus ou Nada. Lembrança do livro de Alexandre Soljenitsyn *O Erro do Ocidente* (1990), e sem comentário, ao afirmar que é o único crítico no que diz respeito ao Ocidente: “o mundo ocidental está a chegar ao momento decisivo. Ele vai pôr em causa no domínio da sua existência a civilização que criou. Penso que não tem consciência disso. O tempo determinou a vossa noção de liberdade. Mantiveste a palavra mas fabricastes uma outra noção. Esquecestes o sentido da liberdade. Quando a Europa a conquistou era uma noção sagrada. A liberdade desemborcava na virtude e no heroísmo. E isso foi algo que esquecestes. Essa liberdade que, para mim, é ainda uma chama que ilumina a nossa noite tornou-se no vosso mundo uma realidade raquítica e por vezes dececionante, porque cheia de um brilho enganador, de riqueza e de vazio. Por esse antigo fantasma da antiga liberdade, já não sois capazes de fazer sacrifícios, apenas compromissos”.

Um período de conflito arrasador, não apenas de riquezas materiais, mas sobretudo de milhões de seres humanos, com que Chardin se encontrou na China. E deu então o exemplo da extrema devoção ao serviço de Deus, apelando à transcendência (Deus ou Nada), parecendo-me que, para abertura deste Congresso, nada haverá de mais indicado do que ouvir e recordar as suas palavras da Missa sobre o Mundo, atribulado pelos previstos erros da *Syllabus*. São estas: “Pois que Senhor, ainda mais uma vez não já nas florestas de Aisne, mas nas estepes da Ásia, não temos nem pão, nem vinho, nem altar, elevar-me-ei acima dos símbolos até à pura majestade do Real, e vos oferecerei, eu vosso sacerdote, sobre o altar da Terra inteira, o turbilhão e a dor do Mundo”.

Infelizmente os novos tempos apontam para a necessidade de voltar a Chardin, e à cruzada do Papa Francisco, e pode considerar-se também para que os povos partilhem a Missa de Pierre Chardin sobre o mundo. Repetir estas palavras: “O meu cálice e a minha patena, são as profundezas de uma alma largamente aberta a todas as forças que, num instante, vão elevar-se a todos os pontos do Globo e convergir para o Espírito” ... “Pela profundidade da minha convicção humana – devoto-me (pela minha fé) por vivê-la e nela morrer, Jesus”.

Academia das Ciências de Lisboa

06/02/2016